

Louis Braille



ACAPPO
ASSOCIAÇÃO DOS CEGOS
E AMBLÍOPES DE PORTUGAL

Todos os direitos reservados, ACAPO

N.º17 ▪ 2016



04 **Entrevista:** Christine Ha, *Chef* de "olhos fechados"

06 **Tecnologia:** O Braille e a evolução tecnológica

09 **Educação:** À procura do amanhã

12 **Reabilitação:** Produtos de apoio

15 **Direitos:** Benefícios fiscais para as pessoas com deficiência

➤ Educação

À procura do amanhã

São três estudantes. Encontram-se em fases distintas do percurso académico e têm histórias de vida também elas diferentes. Em comum, uma deficiência visual que aparentemente não os tem impedido de perseguir os objetivos pessoais, e que ao mesmo tempo os coloca perante algumas dificuldades no acesso à Educação.

Por Rúben Portinha

Os três convergem ao afirmar que o acesso a materiais de estudo, principalmente aos livros, é um dos aspetos que mais tem dificultado a tarefa de aprender. Apesar disso, todos se sentem integrados e apoiados, não só pela comunidade escolar, mas também pelas respetivas famílias.

No terceiro ciclo, a caminho do sonho

«Os estudos são muito importantes. Mas, no meu entender, a bateria pode ser uma boa aposta. O Ivan toca muito bem, mesmo muito bem. Posso estar enganada, mas acredito que ele possa vir a ser um músico *freelancer*». Palavras de Carmen, mãe de Ivan, um jovem portuense de 14 anos que sonha um dia ser baterista de uma banda rock ou animador de rádio. Ivan frequenta o oitavo ano de escolaridade na Escola Rodrigues de Freitas, o estabelecimento de ensino de referência para alunos com deficiência visual na cidade do Porto.

Define-se como um aluno de notas razoáveis e afirma sentir-se integrado no meio escolar. Mantém uma boa relação com os colegas e sente-se apoiado pelos professores. Em relação às dificuldades, confessa-se pouco à vontade com a Matemática e aponta que a chegada tardia dos manuais escolares, que por vezes são diferentes dos utilizados pela turma, tem sido um dos obstáculos mais difíceis de ultrapassar.

«A Direção-Geral da Educação recebe anualmente, das escolas, solicitação de adaptação e transcrição em Braille de uma grande diversidade de manuais escolares existentes no mercado, para uma mesma disciplina e para o mesmo ano de escolaridade. Neste ano letivo, os agrupamentos de escolas/escolas secundárias efetuaram o pedido de adaptação de 163 manuais escolares no formato Braille e a reformulação, de acordo com as Metas Curriculares, de 49 manuais escolares já transcritos anteriormente», esclarece fonte do Ministério da Educação.

Ivan foi acompanhado desde cedo por profissionais da Educação Especial. Aos três anos entrou para o jardim de infância, não porque não tivesse ninguém com quem ficar, mas para se desenvolver a nível psicológico e social. As explicações são dadas pela mãe, que falou ainda do ano de transição entre o infantário e a entrada



para o primeiro ciclo. Durante esse ano, fez a preparação para o Braille. Aprendeu todo o alfabeto em apenas um mês.

Aos nove anos começou a ter aulas de bateria e ainda não parou. O gosto pelo instrumento foi aumentando, apesar de algumas dificuldades iniciais. Entre as 8:00h e as 18:30h, os dias são preenchidos com aulas na Rodrigues de Freitas e no Conservatório. Quando chega a casa, volta para a bateria e aproveita para ouvir música, sem esquecer os outros estudos.

Ao fim-de-semana, é tempo para frequentar o grupo de escuteiros. Reconhece, tal como Carmen, que a carga horária o poderá impedir de tirar melhores notas na escola, mas não parece disposto a abdicar das outras atividades. «A minha preocupação é que ele tenha um leque variado de experiências», explica a mãe.

Às portas da Faculdade

A frequentar o décimo primeiro ano, no Ensino Articulado de Música, chegar à Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo é o próximo grande objetivo de Eduarda Azevedo. Tem 16 anos e não esconde a paixão pelo piano. Quer um dia tornar-se Professora e uma instrumentista conceituada. Por agora, concentra-se nos estudos e já se sente na rampa de lançamento para o Ensino Superior. «No secundário preparamo-nos para a Faculdade. Portanto, o ritmo é igual ao da Faculdade», afirma.

O dia-a-dia de Eduarda faz-se das 07:00h às 22:30h, entre a pequena localidade de Airão Santa Maria (Concelho de Guimarães) e Fafe, onde tem aulas nas escolas de Música e do Ensino Regular. O piano está presente em três momentos do dia: a partir das 08:30h e durante toda a manhã, após o almoço e à noite, ao chegar a casa, depois do jantar. Pelo meio, tem aulas de Português, Inglês, Educação Física e Filosofia na escola regular.

Tal como Ivan, Eduarda aponta as dificuldades no acesso aos materiais de estudo como um dos obstáculos que tem encontrado ao longo do percurso escolar. Dos manuais que tardam em chegar às partituras que vêm de França, Eduarda confessa que tem de fazer um esforço extra para acompanhar o ritmo.

A mesma fonte governamental adianta que «o Ministério da Educação, através da Direção-Geral da Educação, está a efetuar um processo de contratação de recursos humanos para adaptação e transcrição Braille». «Simultaneamente tivemos reunião com a Presidente da Direção Nacional da ACAPO no sentido de ser assinado um protocolo de colaboração para a produção e revisão de manuais escolares em Braille. Esta nossa iniciativa foi bem acolhida pela ACAPO e estamos a trabalhar na sua concretização», acrescenta.



Maria de Fátima não esquece a Professora Cristina e o Professor Leonardo, duas pessoas que, considera, tiveram um papel fundamental no percurso da filha. A Professora Cristina introduziu Eduarda na Música aos cinco anos, com aulas de Formação Musical e Musicografia Braille. Quanto ao Professor Leonardo, acompanhou Eduarda no Ensino Preparatório, enquanto a jovem frequentou a Escola de Referência em Braga. A propósito, Maria de Fátima confessa não ter uma opinião favorável relativamente a estas escolas. «Acho que as Escolas de Referência ainda têm um passo grande a dar para apoiar dignamente os alunos». Eduarda, que ao fim-de-semana ainda reserva tempo para frequentar os Escuteiros, recorda um episódio em que, integrada num grupo da Escola de Referência, visitou um parque aventura onde foi impedida pelos próprios responsáveis da escola a realizar as atividades oferecidas aos colegas. Mais tarde, voltou ao mesmo local, com o grupo dos Escuteiros, e fez tudo. «A falta de visão é sempre um obstáculo, mas não me tem impedido de fazer seja o que for. Não uso a falta de visão como desculpa», afirma Eduarda.

Uma escolha improvável

Tem 24 anos e frequenta o terceiro ano do curso de Biologia, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Filipe Ramos estava indeciso em relação àquilo que queria, porque gostava de muitas coisas. Mas começou a perceber que acima de tudo gostava de Biologia e que queria construir um futuro na área. A perda de visão aconteceu gradualmente e consumou-se enquanto frequentava o Ensino Secundário. Apesar disso, resolveu optar por esta área, que regra geral não é associada a profissionais com limitações da visão. «Sempre acreditei que nós, desde que queiramos, conseguimos fazer tudo. Temos é de agir em conformidade com os nossos problemas», salienta Filipe. «Mesmo que me pedissem, eu não consigo espreitar ao microscópio. Mas se me descreverem o que estão a ver, como eu já vi, tenho noções e consigo visualizar. Portanto, a coisa faz-se».

Mais uma vez, o acesso aos materiais de estudo surge como obstáculo à progressão deste aluno com deficiência visual. Filipe grava as aulas e estuda com



«Se os nossos colegas estudam cem, nós temos de estudar duzentos», refere Eduarda. A mãe, Maria de Fátima, que cedo aprendeu Braille para poder ajudar a filha nos trabalhos de casa, confirma esta perspetiva. «Os Professores de Música dizem-me que a Eduarda tem de ser muito melhor do que os outros. Se os outros tiram 18 ou 19, ela tem de tirar 20. Senão, a Eduarda nunca vai ter as mesmas oportunidades porque, na hora de optar por ela e outra pessoa com a mesma nota, vão optar pela outra que dá muito menos trabalho».

base nessas gravações. Complementa os estudos com explicações dadas por alguns colegas e Professores. No entanto, diz sentir falta de livros em suporte informático. Quer chegar a Professor de Biologia, mas o gosto pelo ensino não se esgota na carreira académica. Filipe tem no Judo outra das paixões que lhe preenchem os dias. Em dezembro de 2015, ao fim de cinco anos e meio de prática, o atleta do Clube Judo Total foi distinguido com o cinturão negro. Coloca de lado a vertente competitiva, em detrimento da vontade que tem de transmitir conhecimento a outros, o que de resto já acontece, uma vez que já se encontra a dar aulas a futuros judocas.



Gosta de ensinar, mas também de aprender. E foi já na Faculdade que aprendeu Braille. Começou a ter aulas por intermédio de uma amiga, também ela com deficiência visual, mas foi com Tiago Guerreiro, Professor de Informática na Faculdade de Ciências, que se deram os maiores avanços. «A história é interessante, foi uma coincidência. Uma ex-aluna minha, colega do Filipe, e que estava a par do meu foco de investigação, falou com o Filipe e falou-lhe de mim. Um dia, o Filipe bateu-me à porta, e perguntou-me se eu era o "professor de Braille". Ri-me e respondi-lhe que não era bem isso; sou professor do departamento de Informática da FCUL, faço investigação na área da acessibilidade e nunca antes tinha ensinado Braille. No entanto, eu já sabia da visita do Filipe e sabia que ele estava interessado em aprender Braille e convidei-o para entrar. Nesta altura, nós estávamos a desenvolver aplicações para ensino de Braille em dispositivos móveis e achei que podia ajudar. Combinei com o Filipe sessões semanais em que eu tentaria ensinar-lhe escrita e leitura de Braille, tentando também usar as nossas aplicações. Na altura, dirigi-me à Fundação Raquel e Martin Sain e pedi conselho ao Dr. Carlos Bastardo, psicólogo, nas metodologias a usar para o ensino do Braille. Pedi também emprestada uma máquina Perkins. Assim, começámos a realizar estas sessões com cobertura de escrita e leitura de caracteres, palavras e frases, iniciativa que me agradou e à qual o Filipe respondeu muito bem», explica Tiago Guerreiro. O investigador tem-se dedicado à pesquisa e

desenvolvimento de aplicações tecnológicas para pessoas com deficiência visual, construídas essencialmente com base no sistema Braille. «Durante o desenvolvimento e realização dos estudos em torno destas aplicações, eu próprio testei bastante as soluções e, naturalmente, aprendi o alfabeto Braille, aprendi a escrever usando a Perkins e a reconhecer visualmente os caracteres. No entanto, o meu conhecimento não vai além disso. Nunca treinei o suficiente para conseguir ler com os dedos», esclarece.

Luísa, mãe de Filipe, não ficou surpreendida quando o filho optou por Biologia. Ao mesmo tempo, reconhece a importância e o papel do Desporto na vida do jovem.

«Não posso imaginar que algum dia ele deixe de praticar judo. É essencial para a vida dele», afirma. Além da prática desportiva, Luísa faz questão em destacar o papel que, na fase de perda de visão, alguém teve no dia-a-dia de Filipe. Esse alguém chama-se Sérgio, um amigo que conquistou, curiosamente, ao entrar para o Clube Judo Total. «O Sérgio foi uma peça essencial na vida do Filipe. A vida dele, enquanto pessoa com deficiência visual, tem um antes de conhecer o Sérgio e depois de conhecer o Sérgio. Por muito apoio que a família dê, é essencial um elemento de referência em que ele se possa rever e mostre que há vida para lá deste problema».

O futuro.

Entre a Música, o Desporto e o Ensino. Serão estas, ao que tudo indica, as áreas nas quais Ivan, Eduarda e Filipe se vão movimentar no futuro. Mas como será a partir do momento em que estejam por sua conta e risco? Carmen, que se define como uma mãe liberal, confessa que vai ter receio quando Ivan começar a andar sozinho. Não tanto pelo medo que se magoe, mas por ter receio que o filho não tenha capacidade emocional de lidar com as situações e dar a volta às dificuldades. Por sua vez, Maria de Fátima perspetiva dificuldades que Eduarda poderá ter nas tarefas da vida diária. ««Para quem está a um ano e pouco de ir para a Faculdade, a Eduarda tem muito pouca autonomia. E eu não a sei ajudar». Como é que lhe vou ensinar a descascar uma batata? Os dedos dela são para ler e para tocar, tenho receio que ela se corte. Já tentei saber se existem aulas para que os pais possam ensinar os filhos a fazer as tarefas da vida diária. Gostava imenso». Luísa prefere destacar as características que, no seu entender, permitirão a Filipe construir o futuro: «Penso que ele tem todas as condições, quer psicológicas quer em termos de capacidades intelectuais e de força de vontade, para prosseguir e ter uma vida plena. Perspetivo o futuro dele com muito otimismo». As três mães são unânimes em sublinhar a importância da família enquanto base de apoio, mas também não hesitam em afirmar que as escolhas terão de ser feitas pelos filhos. «Se há coisa que eu aprendi é que nós temos de os deixar cair, e eles têm de aprender a levantar-se. Porque cair, qualquer um cai. Levantar-se é que nem toda a gente se levanta», diz Maria de Fátima. **LB**